

REVELA ESTUDO

Pobreza mata tanto como as doenças

A POBREZA e a desigualdade social prejudicam seriamente a saúde, indica um estudo publicado recentemente pela revista médica "The Lancet", que critica a Organização Mundial da Saúde (OMS) por não incluir estes factores sociais como problemas a serem combatidos.



Muitos pobres vivem de esmolas nos centros urbanos

Segundo o estudo, as autoridades de Saúde não dão a estes problemas a mesma atenção que dedicam a outros quando tentam melhorar a saúde dos cidadãos.

A pesquisa traz de volta o que considera de problema negligenciado: a pobreza encurta a vida quase tanto quanto o sedentarismo e muito mais do que a obesidade, a hipertensão e o consumo excessivo de álcool.

Segundo o jornal "El País", o estudo é uma crítica às políticas da OMS, que não incluiu na sua agenda este factor determinante da saúde tão importante ou mais do que outros que fazem parte dos

seus objectivos e recomendações.

MORBIDADE E MORTALIDADE

"O baixo nível socioeconómico é um dos mais fortes indicadores de morbidade e mortalidade prematura em todo o mundo. No entanto, as estratégias de saúde global não consideram as circunstâncias socioeconómicas pobres como factores de risco modificáveis", dizem os autores do estudo, da autoria de 30 especialistas de instituições de prestígio como a Universidade Columbia, o King's College de Londres, a Escola de Saúde Pública de Harvard e o Imperial College de Londres.

O trabalho concentrou-se nos dados de 1,7 milhão de pessoas para analisar como o nível socioeconómico influi na saúde e na mortalidade, em comparação com outros factores mais convencionais. O resultado está de acordo com estudos anteriores: a pobreza é um agente que afecta a saúde de forma tão sólida e consistente como o tabaco, o álcool, o sedentarismo, a hipertensão, a obesidade e a diabetes. "A adversidade socioeconómica deve ser incluída como factor de risco transformável nas estratégias de políticas de saúde locais e globais e no monitoramento do risco para a saúde".

O baixo nível socioeconómico

reduz a esperança de vida em mais de 2 anos em adultos entre 40 e 85 anos; o alto consumo de álcool reduz em meio ano; a obesidade encurta em 0,7 ano; a diabetes reduz a esperança de vida em 3,9 anos; a hipertensão em 1,6 ano; o sedentarismo, 2,4 anos; e o pior, reduzindo a média de vida 4,8 anos, o hábito de fumar.

A POBREZA PODE SER COMBATIDA

Da mesma maneira que se pode promover o abandono do hábito de fumar entre a população, o artigo defende que a mesma abordagem pode ser feita

em relação à pobreza.

A escolha desses factores não é casual: são aqueles tomados pela OMS para combater as doenças não contagiosas no seu plano para reduzir a sua incidência em 25 por cento até 2025, o chamado objectivo 25x25.

"As nossas descobertas sugerem que as estratégias e acções globais definidas no plano de saúde da OMS excluem da sua agenda um importante determinante da saúde", criticam os pesquisadores, liderados por Silvia Stringhini, do Hospital Universitário de Lausanne. E acrescentam: Da mesma maneira que se pode promover o abandono do hábito de fumar, o artigo defende que o factor socioeconómico também pode ser alterado em todos os níveis; com intervenções como a promoção do desenvolvimento na primeira infância, as políticas de redução da pobreza ou a melhoria no acesso à educação. "As estratégias de prevenção para as doenças crónicas, como estão equivocadas por não abordarem



Uma realidade desastrosa

poderosas soluções estruturais", refere a pesquisa.

NÃO É IDEOLOGIA MAS CIÊNCIA

"A força da evidência do efeito do nível social sobre a mortalida-

de, como exemplifica o estudo de Stringhini e os seus colegas, agora é impossível de ignorar", diz um comentário inserido na "The Lancet" e assinado por Martin Tobias, especialista do Ministério da Saúde da Nova Zelândia. Ele acrescenta que eles baseiam o

seu argumento não na ideologia política, mas na ciência rigorosa. De acordo com o epidemiologista, ter baixo nível socioeconómico significa ser incapaz de determinar o próprio destino, privado de recursos materiais e com oportunidades limitadas, que determinam tanto o estilo quanto as oportunidades de vida.

O pesquisador espanhol Manuel Franco, que não participou no estudo, acredita que "é importante que os autores mostrem que o factor socioeconómico importa tanto quanto os apontados pela OMS". "A evidência diz que a desigualdade mata. Estamos interessados na saúde do país, tanto na dos pobres quanto na dos ricos? Esse factor não é atacado porque não interessa", diz Franco, epidemiologista da Universidade de Alcalá de Henares, especialista nos efeitos dos factores sociais e ambientais sobre a saúde.



A pobreza também encurta a vida